

A PRECARIZAÇÃO DAS RELAÇÕES DE TRABALHO NO SETOR SUCROENERGÉTICO NO MUNICÍPIO DE ITUIUTABA (MG).

Noeme Santos de Araújo¹
Prof^a Dr^a Joelma Cristina dos Santos²

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo discutir questões sobre a precarização das relações de trabalho no setor sucroenergético do município de Ituiutaba (MG) e a expansão da monocultura cana de açúcar no período compreendido entre o ano de 2000 e 2015. Para alcançar este propósito foram utilizados alguns procedimentos metodológicos, tais como entrevistas junto aos trabalhadores do setor, pesquisa bibliográfica e coleta de dados do IBGE. Constatou-se que os trabalhadores sofrem com a precarização das relações de trabalho.

Palavras-chave: cana de açúcar, precarização das relações de trabalho, Ituiutaba.

Introdução

Este artigo tem como objetivo principal entender a precarização das relações de trabalho no setor sucroenergético no município de Ituiutaba (MG). Neste município, o setor sucroenergético vem se expandindo em detrimento da área ocupada por pastagens.

A expansão do setor sucroenergético e o fato deste setor operar em bases cada vez mais modernas e tecnificadas é fruto da dinâmica do capital que vêm eliminando o trabalho vivo do processo de criação de valor, o que têm provocado o desemprego estrutural.

Os trabalhadores do setor sucroenergético são expostos a uma situação de precarização no trabalho que compromete a vida social e econômica dos mesmos, acarretando problemas nas relações afetivas com a família, devido à falta de tempo e a sobrecarga de trabalho e, neste jogo de relações capitalistas em que como os trabalhadores são forçados a vender sua força de trabalho para sobreviver, muitos são acometidos de doenças de cunho psíquico, devido à constante exposição de situações que proporcionam insatisfação, angústia e desmotivação no ambiente de trabalho.

¹ Mestranda junto ao Programa de Pós-graduação em Geografia do Pontal, da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: noeme.araujo@educacao.mg.gov.br.

² Professora do Programa de Pós-graduação em Geografia do Pontal, da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: joelma.santos110@gmail.com.

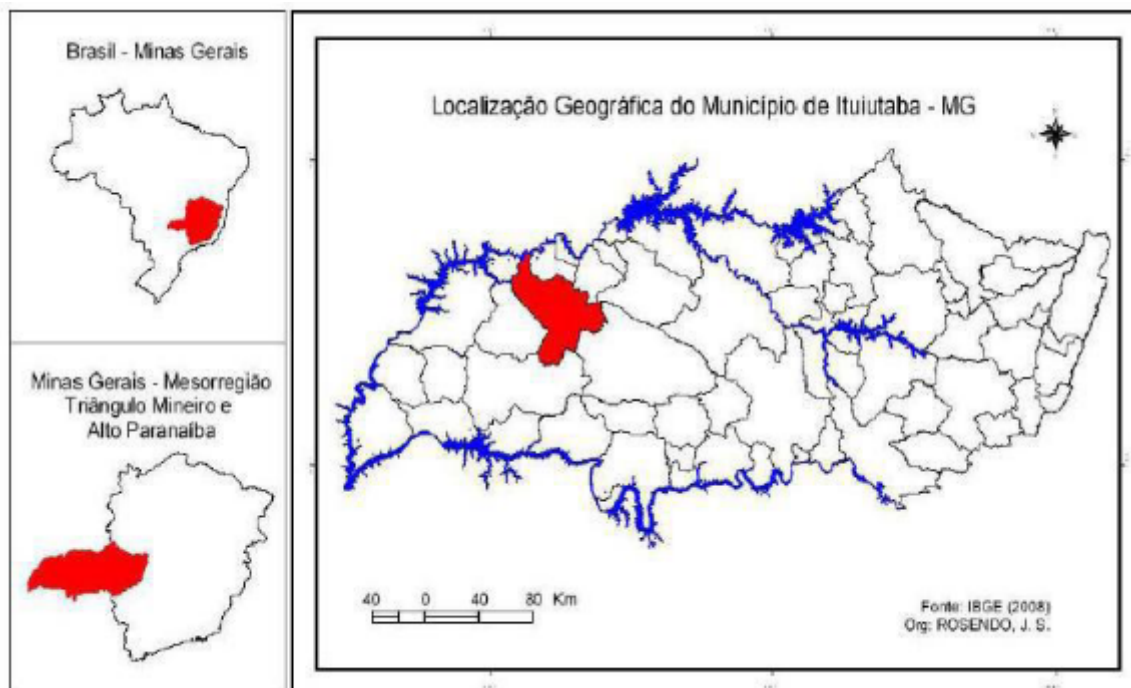
A metodologia da pesquisa fundamentou-se na pesquisa teórica, a partir da qual incorporamos leituras e fichamentos realizados das bibliografias que tratam do tema e que servem de base teórica para sustentação das ideias desenvolvidas ao longo deste trabalho.

Na pesquisa documental foi realizado levantamento de dados de fonte secundária junto a publicações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tais como Censos Agropecuários e Produção Agrícola Municipal). As informações extraídas destas publicações são relacionadas à produção de cana de açúcar referente ao período compreendido entre 2000 a 2015 do município de Ituiutaba.

O recorte temporal escolhido para análise dos dados referentes a expansão do setor sucroenergético é de 2000 a 2015 pois, neste período atuaram juntas duas empresas deste setor que empregavam uma grande quantidade de trabalhadores no município de Ituiutaba. A Vale do Pranaíba em Capinópolis e a unidade Triálcool - Laginha S/A do grupo João Lyra em Canápolis que entrou em falência no ano de 2012 e a empresa Bristish Pretoleum (BP) unidade de Ituiutaba que iniciou as suas atividades industriais no ano de 2008. Portanto, torna-se necessário analisar a evolução da cana de açúcar no município de Ituiutaba, no período em questão com o objetivo de identificar se houve expansão da área plantada e colhida no município em questão.

Na pesquisa de campo foram realizadas entrevistas semiestruturadas com doze trabalhadores do setor sucroenergético, vale enfatizar que este trabalho refere-se a resultados de uma pesquisa preliminar que culminará em dissertação de mestrado.

O município de Ituiutaba está situado nas coordenadas geográficas 49°52' W/ 49°10' W e 18°36' S/ 19°21' S, localizado na Mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, o mapa 1 evidencia a localização do objeto de estudo. As altitudes variam entre 769 m e 550 m. De acordo com o censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, em 2010 o município de Ituiutaba possuía uma população total de 93.125 habitantes na área urbana e 4.046 habitantes na área rural perfazendo um total de 97.171 habitantes.



Fonte: IBGE, 2008
Org.: ROSENDO, J. S., 2008

O município apresenta temperaturas médias que variam entre 14°C e 31°C, precipitação média anual de 1.470 mm, possui vegetação de Cerrado bem como, uma vasta disponibilidade de recursos hídricos tornando-se portanto estes fatores primordiais para a instalação de empreendimentos do setor sucroenergético, no município de Ituiutaba (MG).

A região de Ituiutaba desde os anos 1990 até o ano de 2012 contou com a presença de milhares de trabalhadores migrantes que vinham trabalhar especialmente no corte da cana-de-açúcar. Com o fechamento de duas das unidades do setor e a introdução da mecanização, o trabalho vivo é substituído pelo trabalho morto diminuindo o número de vínculos empregatícios.

Sabemos que a Geografia do Trabalho, é entendido por Tomaz Júnior (2002, p. 41) “como uma expressão de uma relação metabólica entre o ser social e a natureza, sendo que nesse seu ir ou em seu vir a ser está inscrita a intenção ontologicamente ligada ao processo de humanização do homem”. A geografia do trabalho nos coloca atentos às investigações e ao debate teórico, portanto o presente trabalho tem como objetivo central apresentar uma breve reflexão sobre a precarização das relações de trabalho no setor sucroenergético de Ituiutaba (MG), município que atualmente conta com um grande empreendimento do setor sucroenergético que, operando em bases modernas, já não se utiliza do corte manual da cana,

operando em um novo paradigma produtivo, já praticamente consolidado no setor em todo o país, ou seja, o corte mecanizado da cana-de-açúcar, tem provocado importantes efeitos sobre a estrutura da classe trabalhadora e sobre as condições de exercício das atividades laborais, destacando-se processos de fragilização das relações de trabalho e crescimento do desemprego.

Faz-se necessário explicar a terminologia utilizada no presente estudo “fragilização das relações de trabalho”, refere-se à ideia da perda dos direitos trabalhistas, bem como das relações de trabalho e da degradação das condições de saúde do trabalhador, promovidas a partir do descumprimento da legislação.

Dessa forma, o texto estrutura-se em duas seções, sendo que a primeira discute sobre a territorialização da cana de açúcar em Ituiutaba (MG) e a segunda discute sobre a precarização das relações de trabalho presentes no setor sucroenergético em Ituiutaba.

A territorialização da cana de açúcar na região de Ituiutaba (MG)

Paralelo à instalação de empreendimentos do setor sucroenergético em Ituiutaba desde 1990 ocorreu a expansão e territorialização da cana de açúcar, com a presença de empresas do setor que até o ano de 2012, estas empresas atraíam milhares de trabalhadores migrantes, para trabalhar especialmente no corte da cana. Entre no ano de 2012 ocorreu o fechamento da unidade do grupo João Lyra Lagingha S/A- unidade Triálcool que acarretou o desemprego em massa dos trabalhadores e a supressão dos direitos trabalhistas.

O processo de expansão da monocultura da cana de açúcar no município de Ituiutaba teve avanços após a instalação da Companhia Nacional de Açúcar e Álcool (CNAA) em 2008. Em 2011 esta unidade foi adquirida por outro empreendimento Bristish Pretroleum (BP) unidade de Ituiutaba, que possui uma ampla representatividade neste município, principalmente após a falência do Grupo João Lyra. Na empresa Bristish Pretroleum (BP) unidade de Ituiutaba, desde sua instalação, ocorreu a introdução da mecanização do corte da cana-de-açúcar, sendo o trabalho vivo substituído pelo trabalho morto, diminuindo os empregos gerados em um município e região muito dependentes destes tipo de atividades, no quesito geração de empregos.

Segundo Souza (2010), os dados do IBGE em 2008 apontavam que enquanto a cana-de-açúcar sofreu um aumento de mais de 100% na área cultivada entre os anos de 1990 e 2008, os cultivos de arroz, feijão e batata sofreram neste período uma retratação de 24,9%, 8,9% e

9,4% respectivamente. Tal fato é nitidamente comprovado quando se observa as grandes propriedades rurais de Ituiutaba, pois grande parte dessas terras foram arrendadas ao setor sucroenergético.

De acordo com dados da Produção Agrícola Municipal do IBGE no ano de 2016, no Brasil foi colhida uma área total de 9.445.542 ha de cana de açúcar, já a expectativa para a safra de 2017 acontecerá uma pequena retração, sendo a área colhida um total de 9.318.692 ha. Ao compararmos o Brasil com o estado de Minas Gerais, este último apresentou um crescimento expressivo da área cultivada no ano de 2017 para o estado, pois em 2016 colheu-se uma área de 909.050 ha de cana de açúcar e na safra deste ano a área foi de 926.027 ha, enquanto no ano de 2015 no município de Ituiutaba colheu-se uma área total de 22.000 ha e apresentava uma produtividade de 1.430.000 toneladas de cana de açúcar.

Ao analisarmos a área plantada de cana de açúcar no município de Ituiutaba entre o período de 2000 a 2015, conforme tabela 1, identificamos que havia em meados dos anos 2000 uma pequena quantidade de terras que eram disponibilizadas para o plantio desta monocultura, porém a partir de 2005 houve um expressivo aumento do plantio de cana.

No período de 2011 a 2012 ocorreu uma queda da área plantada, tal fato pode ser justificado, pois foi em 2012 que ocorreu a falência da Lajinha Agro Industrial S/A - unidade Triálcool, portanto acarretando a diminuição do plantio, já no ano de 2013 houve uma ascensão da área cultivada e até o ano de 2015 apresenta constante crescimento e expansão.

Tabela 1. Área plantada (há), colhida (ha) e quantidade produzida (t) de cana de açúcar em Ituiutaba (MG).

Ano	Área Plantada (ha)	Área Colhida (ha)	Quantidade Produzida (t)
2000	595	595	41.650
2005	6700	6700	502.500
2010	24.000	24.000	1.680.000
2011	24.000	24.000	1.680.000
2012	20.100	16.080	1.246.200
2013	21.000	21.000	1.302.000
2014	24.000	18.000	1.080.000
2015	28.000	22.000	1.430.000

Fonte: IBGE – Censos Agropecuários 2006 e Produção Agrícola Municipal 2000 - 2015. Org. ARAÚJO, N. S., 2017.

Quando comparamos a área plantada com a área colhida, na tabela 1, identificamos a ascensão das duas no período de 2000 a 2010, em 2011 mantendo-se o mesmo patamar, já em

2012 houve uma queda expressiva de área plantada e cultivada, devido a falência da Triálcool. A partir de 2013 ocorre um aumento tanto de áreas plantadas bem como de área colhida, porém em 2014 ocorreu uma diminuição de área colhida, tornando em 2015 a aumentar.

A quantidade produzida de cana de açúcar no município de Ituiutaba foi elevada até meados de 2011, após ocorreu uma queda expressiva, porém ao analisarmos a tabela 1 percebemos que neste período houve também diminuição da área plantada e da área colhida respectivamente, retornando a ascensão em 2013, diminuindo a área colhida e a produção no ano de 2014, conforme os gráficos 2 e gráfico 3 respectivamente e aumentando a produção em 2015 para 1.430.000 toneladas de cana de açúcar

Conforme dados obtidos junto ao demonstrativo financeiro do ano de 2016 da empresa Bristish Pretoleum (BP) unidade de Ituiutaba demonstra que o empreendimento efetuou o plantio de 10.265 ha de cana de açúcar em 2014 e cerca de 33.813 ha no ano de 2015, atingindo nestes dois anos uma moagem de 2.344.000 toneladas de cana de açúcar representando cerca de 94% da capacidade instalada.

Nota-se que nos últimos anos, o município de Ituiutaba (MG) teve um aumento expressivo das áreas plantadas de cana-de-açúcar, criando uma paisagem de canaviais, remodelando a paisagem que existia anteriormente.

A precarização das relações de trabalho no setor sucroenergético

O setor sucroenergético vem passando por mudanças significativas desde as últimas décadas do século XX, devido a uma intensa mecanização inserida no campo, que propicia a precarização do mundo do trabalho, pois uma máquina colhedeira de cana-de-açúcar substitui o trabalho de cerca de cem homens.

Em Ituiutaba MG, o setor sucroenergético, vem se expandindo em detrimento da área ocupada por pastagens, isso é fruto da dinâmica do capital que vêm eliminando o trabalho vivo do processo de criação de valor, o que têm provocado o desemprego estrutural. Dessa forma, se faz necessário a emancipação do trabalho, o que só será possível com a superação do capital e do Estado, pois enquanto for mantido este tripé o trabalho continuará a reproduzir o poder do capital sobre si mesmo.

É muito comum ouvirmos o discurso da geração de emprego de renda e de desenvolvimento local/regional, presente em todos meios que perpassam o setor sucroenergético, contudo, Barreto (2012) afirma que “as condições de trabalho enfrentadas

pelos trabalhadores inseridos nesse processo, os problemas, as dificuldades, as circunstâncias que contradizem o discurso do emprego, geração de renda e desenvolvimento”.

Esta realidade foi vivida pelos trabalhadores que mantiveram vínculos trabalhistas com a Lajinha Agro Industrial S/A - unidade Triálcool pois esta empresa faliu e promoveu o “desemprego em massa”, os trabalhadores não foram somente dispensados dos seus empregos, mas também foram suprimidos de seus direitos trabalhistas, além de serem expostos a uma série de humilhações promovidas pela postura do empreendimento sucroenergético.

O município de Ituiutaba apresenta um grande empreendimento do setor sucroenergético*, esta empresa foi criada em 17/06/2006*, porém somente iniciou suas atividades industriais em 2008, apresentando como atividade preponderante a industrialização de cana de açúcar e seus derivados para a produção de bioenergia com a comercialização em todo o território nacional e ou o exterior. Este empreendimento é reflexo da migração de capital internacional, conforme Marx (2008) tal fato é comprovado diante do processo de dispersão territorial do capital de sua base de origem, com o objetivo fundamental de reprodução do dinheiro.

No movimento real do capital, o retorno é um componente do processo de circulação. O dinheiro de início, se converte em meios de produção; o processo de produção transforma-o em mercadoria; com a venda da mercadoria reconverte-se em dinheiro e nessa forma retorna nas mãos do capitalista que adianta o capital na forma de dinheiro. (MARX, 2008, p. 465).

A palavra movimento utilizada pelo autor permite facilitar a compreensão sobre a lógica de investimentos financeiros promovidos por grupos empresariais, cujas sedes estão situadas em outros países, que por meio do uso do capital injetam recursos financeiros em nosso país no setor sucroenergético, para gerar um produto final industrializado que de certa forma permitirá com que estes grupos arremetam os lucros obtidos à sua sede, gerando ainda mais capital.

A sociedade contemporânea tem passado por profundas transformações sociais nas últimas décadas, dentre estas, estão as do mundo do trabalho, as formas de gestão e a organização das grandes empresas capitalistas. Segundo Antunes (1997),

* Neste momento não será citado a razão social da empresa ao qual os trabalhadores objeto do presente estudo, exercem suas funções, pois não houve contato prévio com a mesma e a pesquisa não foi submetida ao comitê de ética.

* Estes dados foram obtidos no site da empresa, bem como no demonstrativo financeiro do exercício 2016.

No modo de produção capitalista, o trabalhador é reduzido a uma mercadoria, à medida que vende sua força de trabalho para o capitalista em forma de um trabalho. Assim, o trabalho que deveria ser a forma humana de realização do indivíduo reduz-se à única possibilidade de subsistência do despossuído. (ANTUNES, 1997, p.41).

Entretanto faz-se necessário explicar a terminologia utilizada no presente trabalho “precarização das relações de trabalho” adotada neste estudo, de acordo com Santos (2009, p. 58) “a precarização é um processo social que atinge o mundo do trabalho e que tem seus efeitos múltiplos ao longo do desdobramento do processo de reestruturação produtiva do capital”.

A noção de precarização surgiu como tendência durante a fase do capitalismo informacional. Este modelo foi desenvolvido pela globalização e tem privilegiado o crescimento do capital em detrimento das relações de trabalho propiciando a terceirização. De acordo com Santos (2009, p. 54) “o *just-in-time* cria o trabalho polivalente, a elevação da produtividade entre os trabalhadores e o aumento da concorrência entre os mesmos. É a partir deles que surgem a terceirização e a subcontratação”.

A história brasileira foi marcada pelo processo de escravidão, desta forma a precarização das relações de trabalho é entendida pela grande maioria dos donos dos meios de produção como uma forma arraigada de nossa formação social e está presente na atualidade, devendo portanto todos os trabalhadores lutarem para que os direitos trabalhistas constituídos por lei sejam cumpridos.

Se por um lado na conjuntura atual o universo do trabalho apresenta conquistas trabalhistas, por outro, a precarização, a superexploração, as formas de trabalho se assemelham ao trabalho escravo e estão na contramão do “progresso” apregoado pelo capital em seu processo de valorização. Para Santos (2009, p. 61) “a precarização é um processo social que atinge o mundo do trabalho e que tem seus efeitos multiplicados ao longo do desdobramento do processo de reestruturação produtiva do capital”.

Contudo vale destacar que as relações de trabalho que para Santos (2009, p. 124) “um novo modelo energético está umbilicalmente relacionada à questão dos agrocombustíveis e implica (re)arranjos mundiais, pois a matriz energética que sustenta o atual modelo de sociedade, baseada nos combustíveis fósseis está em crise”. Essas ações são promovidas por instituições governamentais com o aparato do setor privado, já que tal modelo econômico imposto ao setor sucroenergético visa via de regra a acumulação de capital e a exploração do trabalhador, a partir da precarização das relações de trabalho, vale ressaltar que este processo

não ocorre somente no setor sucroenergético, pois já é um padrão disseminado entre os mais diversos setores trabalhistas.

As transformações no processo de trabalho, nos direitos sociais, no plano da economia, no aumento da produção com a diminuição da força de trabalho contida no processo produtivo promoveu o aumento do desemprego e a informalidade, acentuando ainda mais a precarização do trabalho associada à incerteza das remunerações, à menor assistência social, o maior rodízio da força de trabalho. Os trabalhadores passaram a enfrentar um novo e inseguro mundo do trabalho em que os empregos seguros se tornaram cada vez mais raros.

O capital mundial têm expandido as esferas do trabalho assalariado, promovendo a subproletarização e a exploração do trabalho sob as mais distintas modalidades de precarização, tais como: o subemprego, a terceirização, o trabalho temporário, o trabalho domiciliar, etc. As mudanças no processo produtivo tem repercutido no desenvolvimento da composição orgânica do capital e nas inovações tecnológicas.

De acordo com Thomaz Júnior, 2004 “diante disso não podemos concordar com a tese do fim do trabalho ou da perda de sua centralidade, tampouco com o fim da revolução do trabalho.” Uma vez que, ao persistir a sociedade capitalista seria praticamente impossível imaginar o fim da classe trabalhadora, enquanto existir os elementos característicos da composição societária do capital.

Ainda para Antunes (2015), “o capitalista almeja tanto a lucratividade que introduz os programas de qualidade total” tendo como consequência a flexibilização e os contratos trabalhistas que acarretam a precarização do trabalho, devido ao uso da mais valia. Ele afirma ainda que esta exposição à precariedade pode ocasionar “manifestações bastante significativas, no que diz respeito aos adoecimentos com nexos laborais, sobretudo aqueles relacionados às lesões osteomusculares e transtornos mentais.”

Thomaz Júnior (2002) faz importantes considerações, quanto às atividades de trabalho realizadas no setor sucroenergético antes do processo de modernização, porém grande parte destas situações ainda não foi alterada, já que para que a lucratividade permaneça elevada é necessário haver uma superexploração dos trabalhadores.

A estafante jornada de trabalho, potencializada pelo alucinante ritmo da superexploração, aguça ainda mais, os problemas de saúde dos trabalhadores e pelas informações disponíveis, esse quadro é acompanhado pelo aumento no número de acidentes de trabalho, incrementados pela “síndrome” da hora extra. (THOMAZ JÚNIOR, 2002, p. 164).

A mecanização da colheita da cana-de-açúcar tem sido um mecanismo intensificador da jornada de trabalhador, pois os trabalhadores são motivados a trabalhar mais devido ao pagamento das horas extras, estes se submetem a jornadas extenuantes de trabalho em máquinas para aumentar seus rendimentos, este fato mescla trabalho vivo e trabalho morto em uma sinergia pautada pela inserção de novas técnicas no campo que contribui para uma nova morfologia da precarização do trabalho. Antunes (2010) acrescenta para a reflexão afirmando que,

combinam-se processos de enorme enxugamento da força de trabalho, acrescido às mutações sociotécnicas no processo produtivo e na organização social do trabalho. A flexibilização, desregulamentação, terceirização, as novas formas de gestão da força de trabalho, etc. (ANTUNES, 2010, p. 22).

Para confirmar a teoria forma realizadas entrevistas com os trabalhadores do setor sucroenergético de Ituiutaba, como parte do trabalho de campo, cuja finalidade é de identificar se há precarização das relações de trabalho.

Percepção dos trabalhadores do setor sucroenergético do município de Ituiutaba sobre a precarização do trabalho

Ainda assim foram entrevistados trabalhadores do setor sucroenergético de Ituiutaba, para confirmar a teoria realizou-se doze entrevistas, como parte do trabalho de campo.

Os trabalhadores foram entrevistados no ponto de ônibus central, que se encontra na rodoviária da cidade em três períodos distintos, às 06:00 hs, 14:00 hs e às 22:00 hs respectivamente. Existem diversos pontos de ônibus espalhados pela cidade ao qual estes trabalhadores utilizam para ir ao ponto central, vale ressaltar que a grande maioria destes trabalhadores que vai para a rodoviária realizam trabalhos no campo, na parte agrícola, é neste lugar que os encarregados distribuem as tarefas a serem realizadas naquele turno de serviço, outros trabalhadores foram entrevistados em outro ponto de ônibus e todos os entrevistados do presente estudo em questão realizam atividades ligadas ao campo.

Ao entrevistar os trabalhadores do setor sucroenergético de Ituiutaba foi possível identificar alguns pontos positivos em relação ao empreendimento agrícola, no que diz respeito ao plano de saúde disponibilizado aos trabalhadores, estes disseram que o plano de saúde responde às necessidades dos mesmos e de seus familiares. Quando questionados sobre as condições de trabalho relativos à carteira assinada, seguro desemprego, décimo terceiro salário

foi unânime as respostas dos trabalhadores, todos possuem e todos usufruem destes direitos trabalhistas.

Foi possível observar entre os entrevistados que a faixa etária com maior incidência contratada pelo empreendimento agrícola pesquisado, refere-se às idades entre 30 a 40 anos, estes desempenham atividades de motorista, porém também foram entrevistados trabalhadores que perfazem a faixa etária de 40 a 58 anos em menor quantidade, os trabalhadores desta faixa etária todos realizam as atividades de motorista sejam elas de moto niveladora, colheitadeira e motorista III.

Somente um dos entrevistados é natural do estado de Alagoas, o restante dos trabalhadores pesquisados nasceram em Ituiutaba e somente um em Santa Vitória, cidade vizinha do município pesquisado. O nível de escolaridade dos entrevistados refere-se ao ensino fundamental, seja ele completo ou incompleto, os outros trabalhadores possuem o ensino médio completo.

No período pesquisado o empreendimento agrícola está realizando a colheita de seus canaviais espelhados pelos municípios circunvizinhos, os trabalhadores nos informaram que o trajeto da cidade ao local de trabalho varia 30 minutos para aqueles que realizam atividades na usina e duas horas para os trabalhadores que vão trabalhar no campo.

Os trabalhadores que realizam atividades no campo nos informaram que eles têm que levar alimentação de casa e que a empresa dispõe de restaurante, porém a alimentação não é levada ao local em que estes realizam suas atividades trabalhistas. Porém alguns dos motoristas se alimentam na usina.

Ao serem questionados sobre a quantidade de horas trabalhadas, seis dos entrevistados nos informaram que trabalham oito horas por dia como prevista nas leis trabalhistas, porém outros seis nos informaram que trabalham de dez à onze horas por dia, questionamos se quando eles trabalham fora do horário previsto os mesmos recebem horas extras e eles disseram que sim e nos informaram que é a melhor parte de se trabalhar na usina, porém não nos informaram se o valor recebido é compensatório.

Todos foram taxativos ao serem questionados se alguém fiscaliza o trabalho realizado por eles, a resposta foi afirmativa. Um dos trabalhadores nos informou que são vários encarregados, o que ele denominou de “baba ovo”, relatando que as medidas utilizadas pelos encarregados são as mais variadas, como mudar de talhão para aqueles que trabalham nas colheitadeiras, segurança e incentivar dormir bem em casa para os motoristas.

Os trabalhadores nos informaram que a empresa possui meta de produtividade diária, um dos trabalhadores nos relatou que é exigido muito dele, enquanto os outros nos disseram que não, que é tranquilo realizar o trabalho. Todos foram taxativos em nos informar que realizam trabalhos de risco e que o empreendimento do setor sucroenergético fornece a eles EPIs.

Somente um dos trabalhadores entrevistados já sofreu acidente de trabalho, enquanto todos os outros nunca foi vítima. Os trabalhadores informaram que a empresa dispõe de médico ou enfermeiro de plantão para atender as emergências, acidentes de trabalho ou outras necessidades dos trabalhadores. Quando questionados sobre as enfermidades que eles apresentaram após terem começado a trabalhar na usina, somente um dos trabalhadores nos relatou que passou a sentir ansiedade e a ter depressão, enquanto outros três nos informaram que eles apresentam dores nas pernas, braços, coluna, dores musculares e enxaqueca, enquanto o restante dos entrevistados não apresentou nenhuma enfermidade.

Os trabalhadores nos inteiraram que no empreendimento sucroenergético pesquisado há dois tipos de folga, o denominado por eles de 5 por 1, trabalha cinco dias e folgam 1 dia e o 6 por 1, trabalham durante seis dias e folgam 1, porém todos os entrevistados trabalham 5 por 1. Um dos trabalhadores relatou que ele não possui qualidade de vida, pois o trabalho é desgastante e que o trabalho realizado por ele é de grande exposição ao sol.

Após o relato deste trabalhador a pesquisadora passou a observar atentamente os outros entrevistados e constatou que muitos deles possuem manchas no rosto ou apresentam a pele avermelhada, principalmente os trabalhadores do turno das 14:00 horas.

Ao serem questionados se são filiados a algum sindicato, todos nos informaram que sim, quando foi perguntado qual é o sindicato a que são filiados, informaram que é o sindicato dos trabalhadores rurais e o sindicato dos motoristas, ainda nos relataram que o sindicato têm lutado juntamente com os trabalhadores para que ocorra melhorias salariais, somente um dos entrevistados relatou que o sindicato não faz nada pela categoria.

Podemos constatar a partir das entrevistas realizadas com os trabalhadores que a empresa do setor sucroenergético pesquisado apresenta algumas falhas, principalmente relativas à precariedade com a alimentação dos trabalhadores do campo, os mesmos nos informaram que há uma “casinha” destinada para a refeição, mas que muitas das vezes chega o horário do almoço e eles estão distantes da mesma e almoçam a comida trazida de suas

residências, bem como em relação à jornada de trabalho informada por alguns como muito longa e fora da legislação vigente.

Considerações finais

A microrregião geográfica de Ituiutaba, bem como o município de mesmo nome passou por grandes transformações a partir da territorialização das empresas sucroenergéticas. Dentre as mudanças ocorridas podemos perceber o aumento da área plantada, da área cultivada bem como da produtividade gerada pela expansão da monocultura da cana-de-açúcar. Com isso, muitas áreas deste município foram metamorfoseadas em territórios da cana-de-açúcar, mudando assim a paisagem, as relações socioeconômicas, culturais, bem como as relações de trabalho.

Tal fato pode ser comprovado a partir das relações de trabalho, quando são analisados os acontecimentos após a falência do empreendimento Lajinha Agro Industrial S/A - unidade Triálcool, os trabalhadores foram dispensados de suas funções trabalhistas, suprimidos de seus direitos e sofreram diversas humilhações devido à falta de pagamento de seus trabalhos.

Diante do que foi exposto no presente trabalho constatamos a partir de entrevistas realizadas com doze trabalhadores do setor sucroenergético que estes sofrem com a longa jornada realizada por eles dentro dos ônibus ou vans para o trabalho no campo é comum o emprego de horas extras, o que configura a mais valia empregada pelo empreendimento sucroenergético em questão. Além disso, uma grande maioria dos trabalhadores que desempenham suas atividades laborais no campo trazerem a alimentação de casa, estes relatam que muitas das vezes essa alimentação encontra-se fria tal fato se justifica pois a empresa não dispõe de serviço de restaurante para os trabalhadores que estão executando suas atividades de colheita e plantio no canaviais. Assim, podemos dizer sim que até o momento constatamos a precarização das relações de trabalho no setor sucroenergético no município de Ituiutaba (MG).

Referências

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. Campinas/SP: Ed. Cortez, 1997.

ANTUNES, R. & SANT'ANA, R.S. (Org.) **O avesso do trabalho II.** 1a ed., São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2010.

ANTUNES, R. A sociedade dos adoecimentos no trabalho. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 123, p. 407-427, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sssoc/n123/0101-6628-sssoc-123-0407.pdf>. Acesso em 20 mai. 2017.

BARRETO, M. J. **Territorialização das agroindústrias canavieiras no pontal do Paranapanema e os desdobramentos para o trabalho**. 2012. 245 f. Dissertação (Mestrado de Geografia) – Programa de Pós- Graduação em Geografia – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-**IBGE**. Produção Agrícola Municipal. Lavoura temporária. Área colhida. Disponível em <<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=PA2&sv=83&t=lavoura-temporaria-area-colhida>>. Acessado em 08. Jun.2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-**IBGE**. Produção Agrícola Municipal. Lavoura temporária. Área plantada. Disponível em<<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?no=1&op=0&vcodigo=PA01&t=lavoura-temporaria-area-plantada>>. Acessado em 08. Jun.2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-**IBGE**. Produção Agrícola Municipal. Lavoura Temporária. Quantidade produzida. Disponível em<<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?no=1&op=0&vcodigo=PA3&t=lavoura-temporaria-quantidade-produzida>>. Acessado em 08. Jun.2017.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. Tradução Reginaldo Sant Anna. 25. ed. v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SANTOS, J.C. **Dos canaviais à “etanolatria”**:o (re)ordenamento territorial do capital e do trabalho no setor sucroalcooleiro da Microrregião Geográfica de Presidente Prudente – SP. 2009. 375 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós- Graduação em Geografia – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

SOUZA, Marcos Antônio de. A dinâmica territorial do agronegócio canavieiro e o zoneamento agroecológico da cana-de-açúcar: notas para um debate. **CAMPO-TERRITÓRIO**: revista de geografia agrária, v.5, n.10, p. 148-167, 2010. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/download/11965/8248>. Acesso em 01 jun. 2017.

THOMAZ JÚNIOR, A. Por uma geografia do trabalho. **Pegada** (UNESP. Impreso), Presidente Prudente, SP, v. esp, n. Especial, p. 38-51, 2002. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/viewFile/1700/1633>. Acesso em 07 jun. 2017.

THOMAZ JÚNIOR, A Antônio. A Geografia do mundo do trabalho na viragem do século XXI. **Geosul**, v.19, n.37, 2004.